

Entre duas colinas, corria um rio. Lá, eu surgi, fui gerado. Lá, eu nasci. Nasci pequeno e fui logo posto numa embarcação. Simples, mas resistente.

Fui conduzido por águas tranquilas. Havia espaço para tantos outros, mas era só eu. Segui o rio sem esforço. Se chovesse, estava coberto, e se tivesse fome, provia-me de peixes. Assim cresci.

Algures, o caminho dividiu-se. O barco só passava por um, mas eu escolhi o outro. Sabia nadar. Saltei. Os meus braços conduziam-me agora. Lutei contra monstros que não pensava existirem e quase me afoguei.

Cruzei tantas outras embarcações, umas deixando saudade, outras até senti alívio de as deixar. Por vezes encontrava a embarcação antiga. Subia quando me sentia cansado, havia sempre espaço, mas sempre me lançava. Nadava tranquilamente, quando avistei um lindo caiaque, que me pareceu vazio. Deslumbrei-me. Tentei subir, não foi fácil. Quando me sentei, senti um arrepio pelas costas, uma profunda segurança. Com ele iria a qualquer canto do rio.

Ainda eram os braços que me impulsionavam. Com o tempo construí um remo, então ele passou a direcionar-me.

Estou seguro no caiaque, talvez até já tenha esquecido como nadar. Eu sei que o rio tem um fim. Será no mar calmo ou no abismo de uma cascata. Desconheço a distância. Talvez o caiaque não suporte e se desfaça no caminho. Não devo pensar como termina. São lindas as águas! A vida é sublime no caiaque!

Margarida Brito, 9.ºB

2015/2016